

HISTÓRIA ORAL NAS PESQUISAS SOBRE BAIRROS E COMUNIDADES DA CIDADE DE NATAL PÓS SEGUNDA GUERRA: O CASO DO BAIRRO ALECRIM.

Thaiany Soares Silva

Mestranda em História e Espaços/UFRN
thaianysoares@gmail.com

Orientador: Profº Drº Raimundo Pereira Alencar Arrais

Professor Associado da UFRN
raimundoarrais@ig.com.br

1. Como se forma o Bairro Alecrim e o início de sua transformação

Em meados do século XIX, o bairro do Alecrim era um dos principais acessos para o Sertão. Era uma área pouco povoada e existiam poucas casas próximas ao limite urbano da Cidade do Natal/RN, sendo escolhida pela Intendência Municipal para dispor de determinados equipamentos públicos da Cidade, como o primeiro cemitério público e o leprosário Lazareto da Piedade.

O bairro do Alecrim foi criado e oficializado em resolução municipal no dia 23 de outubro de 1911 e logo recebeu a alcunha “cais do sertão” por ser via de entrada dos imigrantes que vinham do interior do Rio Grande do Norte e, de outros estados, oprimidos pelas secas. O Bairro foi marcado por inúmeras transformações urbanas e simbólicas, as mais expressivas, entre os anos de 1945 e 1960, ocorreram imediatamente após o término da Segunda Guerra Mundial. O crescimento urbano da cidade de Natal aumentou devido à sua posição geográfica estratégica no desenrolar da Segunda Guerra, o que trouxe mudanças significativas para a cidade e para o Alecrim, onde localizava-se a Base Naval de Natal. No período pós-guerra o natalense percebe que o estilo de vida tradicional e pacato altera-se.

Ao término da guerra, Natal tinha praticamente dobrado o número. No início da década de 1940 a Cidade tinha 54.836 mil pessoas, em 1950 saltou para 102.215 mil habitantes e em 1960 já eram 160.253. No Alecrim concentravam-se 40% das pessoas

residentes na capital, aproximadamente 42.000 habitantes, na década de 1950. Nesse período Natal recebeu muitos imigrantes do interior buscando emprego, e o Alecrim era uma área onde as terras tinham fácil aquisição, onde era mais fácil comprar um terreno ou uma casa.

2. O uso da história oral na pesquisa sobre o bairro do Alecrim.

A história oral é uma metodologia fundamental para estudos dos acontecimentos históricos e visa ampliar o conhecimento sobre conjunturas do passado por meio das experiências e das versões particulares dos sujeitos entrevistados. Para o caso do Alecrim, Bairro centenário da cidade de Natal/RN, o emprego da história oral se justificou pelo fato de os indivíduos, moradores do Bairro, exporem questões relacionadas ao local onde moram, transmitindo informações e fatos como uma espécie de herança.

A memória é concebida como uma representação seletiva do passado por meio das entrevistas. A história oral percebe o passado como tendo continuidade hoje, cujo processo histórico está inacabado:

A presença do passado no presente imediato das pessoas é a razão de ser da história oral. Nessa medida, a história oral não só oferece uma mudança para o conceito de história, mas, mais que isso, garante sentido social à vida de depoentes e leitores que passam a entender a seqüência histórica e sentir-se parte do contexto em que vivem. (MEIHY, 1998)

Resgatar diversas memórias, representações cotidianas e pontos de vistas é uma das funções da metodologia da história oral nesse trabalho. Nas entrevistas iniciais, que foram concedidas ao Programa Memória Minha Comunidade, da Secretaria de Meio Ambiente e Urbanismo de Natal/RN, moradores do Alecrim foram interpelados sobre sua vivência no Bairro nas décadas de 1940, 1950 e 1960. Não tratadas como meras portadoras de informações, mas como expressões das práticas sociais onde os sujeitos se constituem historicamente, as entrevistas servem para analisar os discursos existentes na memória de vários sujeitos do bairro Alecrim.

Os depoimentos dos moradores do bairro do Alecrim serão suporte e poderão auxiliar na rememoração das transformações e dos fatos ocorridos no período recortado. Essas entrevistas transcritas e editadas são utilizadas como fonte histórica, já que toda

fonte é uma produção de sentido, é uma narrativa, uma operação intelectual e historiográfica.

3. O Alecrim segundo os moradores: seus transportes, sua paisagem e suas ruas, contando de 1 a 12.

A rede de transportes, as instituições públicas, os equipamentos urbanos, o comércio, algumas pequenas indústrias, os espaços de sociabilidade, enfim, todas essas estruturas podem ser sinais evidentes de transformação no Bairro no pós-guerra, evidências se, de fato, o Alecrim acompanhou as mudanças que possivelmente tenham ocorrido na Cidade como um todo.

O Serviço de transporte por bondes elétricos foi inaugurado em Natal em um dos períodos de governo de Alberto Maranhão, intendente em Natal entre os anos de 1900-1904 e 1908-1914, e depois de instalados na Ribeira, Cidade Alta e Petrópolis/Tirol a linha se estendeu até o Alecrim. Após a Segunda Guerra Mundial, os bondes já não eram suficientes para o transporte da população, que crescera bastante. Dessa maneira, várias empresas de ônibus instalaram-se na cidade, sobretudo para atender as áreas periféricas de Natal. Em 1946, foi criado um decreto que determinava o regulamento do tráfico de ônibus na cidade. Existiam também os carros de aluguel. A primeira Praça de Carro de Aluguel do Alecrim foi estabelecida durante a Segunda Guerra Mundial. Existia também o transporte por Jeep de aluguel. No Alecrim a Praça de Jeep de Aluguel ficava, segundo o morador Magno Vila, no cruzamento da Avenida Presidente Quaresma (Av. 1) com a Rua Amaro Barreto.

No Alecrim existiam várias praças de carro. Tinha a Praça na Avenida 2, próximo ao Cinema São Luiz, era uma praça de carro, e tinha as praças de jipe, que era “jeep Willys” e “jeep DKV”. A praça de “jeep Willys” ficava na Avenida 2, cruzamento com a 10, e a praça de “jeep DKV” ficava na praça Gentil Ferreira. (VILA, 2010)

A modificação na rede de transportes do bairro, o desaparecimento dos bondes, a intensificação dos transportes por ônibus, as praças de carros de aluguel e quais vias eram utilizadas por esses transportes são fundamentais para compreender algumas das transformações no espaço urbano do Bairro. Modificações quase sempre geram ideia de ruptura. Neste caso, nos resta analisar no decorrer da pesquisa e análise dos discurso

dos moradores se a problematização da memória pode ser notada como uma ruptura. As mudanças possuem papel importante no discurso das pessoas que recordam.

A paisagem urbana do Alecrim, bastante modificada nas décadas de 1940, 1950 e 1960 pela abertura de ruas e travessas, pela construção de casas e vilas, é um dos panoramas a serem vislumbrados. As ruas do Alecrim definidas por números e posteriormente por nomes de alguns presidentes da Província do Rio Grande do Norte e tribos de índios, ajudam a analisar os processos de referência do Bairro. Em algumas das entrevistas já realizadas foi possível notar que os moradores do Alecrim não conseguem desvincular o tratamento das ruas pelos números e muitos julgam que essa particularidade do bairro contribui para que as pessoas se localizem melhor e ainda expressam que as ruas são mais facilmente identificadas pelos números do que pelas denominações oficiais. O Entrevistado José Normando Bezerra, narra um pouco do que era essa relação dos moradores com a rua onde morava.

Eu morei na 7, as pessoas perguntavam: “Você morava aonde?”, eu dizia: “Na 7!”, porque as pessoas sabiam que era a Avenida dos Caicós. “Você estuda aonde?”, “Na 8!”. A 8 era a Rua dos Pajeús. Tinha uma feira de carros na 10, a 10 era a Rua Leonel Leite. O DETRAN era aonde? Na Avenida 9, a Coronel Estevam. Então, era interessante isso aí. (BEZERRA, 2011).

Apesar dos moradores insistirem em afirmar que os números das ruas advêm da permanência dos americanos em Natal, estudos da geografia, da arquitetura e do urbanismo comprovam que as avenidas numeradas são provenientes dos planos de sistematização de Natal, mas ainda não existiu nenhum estudo específico para explicitar qual deles foi o responsável, se o plano do agrimensor italiano Antônio Polidrelli em 1902 ou o do arquiteto grego Giacomino Palumbo em 1929.

[...] Porque isso foi vestígio da passagem dos americanos na Segunda Guerra. Como nos Estados Unidos, por exemplo, Nova York, as ruas são por números, então, aqui, eles começaram. Avenida 1, 2, 3, 4, 5, todas no mesmo sentido. Aí vem 6, 7, 8, 9, 10, 11, que é aquela onde tem a Assembléia de Deus, 12. Eles não chamavam “Rua tal, Avenida tal”. [...] “Onde você mora?”, Avenida 9, ou, então, Avenida 2, que era onde eu morava. Eu não estranhei, porque eu soube que tinha sido idéia deles. (UBARANA, 2011)

A entrevista com a senhora Ana Maria Ubarana, moradora do Alecrim do final dos anos 1940 até os dias atuais, apontou a hipótese de ter sido influência americana para a questão das ruas numeradas assim como a do senhor José Normando Bezerra que expressa que “os números são muito importantes. Esse costume dos números dizem que foi os americanos que colocaram. Por exemplo, a Presidente Bandeira, que é a principal rua do Alecrim é conhecida como Avenida 2”. (BEZERRA, 2011)

Quanto à disposição das numerações no Alecrim, as avenidas que acompanhavam o sentido norte-sul receberam os números de 1 a 5 e as do sentido leste-oeste, a numeração de 6 a 12. Interessante observar que durante a elaboração do Plano de Sistematização de Natal, conhecido também como Plano Palumbo, em 1929, o prefeito Omar O’ Grady, cuja administração se deu entre os anos de 1926 e 1930, solicitou ao Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte nomes de personagens, a fim de denominar as ruas do Alecrim. Dessa maneira, foram escolhidos nomes de indivíduos que governaram a província do Rio Grande do Norte durante o período imperial. As avenidas de 1 a 5 homenagearam os cinco presidentes da província do Rio Grande do Norte, as demais receberam nomes de tribos indígenas e de outros personagens.

Curioso também notar que muitos dos moradores e comerciantes do Alecrim admitem e conhecem os nomes que foram elencados às ruas do Bairro, mas não assumem evidentemente essas nomenclaturas oficiais, prevalecendo apenas a prática social imbricada na memória desses indivíduos.

[...] Todas essas ruas se chamavam avenidas, era Rua 1, 2, 3, 4, 5, 6, até a 12, todas elas foram, na grande maioria, chamadas de Presidente, Presidente Bandeira, Presidente Quaresma, Presidente José Bento, Presidente Sarmiento, Presidente Leão Veloso. Vocês sabem da origem desse Presidente ou não? Não eram presidentes da República, seriam, na época, presidentes de províncias que exerciam a função de governador. (VILA, 2011)

As nomes que foram assinalados como oficiais pelo Prefeito O’Grady foram descritos no livro “Alecrim ontem, hoje e sempre” do professor e morador do Alecrim Evaldo Rodrigues de Carvalho e serão expressos abaixo:

Av. 1 – Presidente Quaresma (Basílio Quaresma Torreão): Governou entre 1833-1836.

Av. 2 – Presidente Bandeira (João Capistrano Bandeira de Melo): Governou entre 1873-1875.

Av. 3 – Presidente José Bento (José Bento da Cunha Figueredo Júnior): Governou entre 1860-1861.

Av. 4 – Presidente Sarmento (Cassimiro José de Moraes Sarmento): Governou entre 1845-1847.

Av. 5 – Presidente Leão Veloso (Pedro Leão Veloso): Governou entre 1861-1863.

Em Homenagem a tribos indígenas:

Av. 6 – Rua dos Canindés

Av. 7 – Rua dos Caicós

Av. 8 – Rua dos Pajeús

Av. 10 – Rua dos Paianazes

Av. 12 – Rua dos Paiatis

As avenidas 9 e 11 receberam outras denominações:

Av. 9 – Av. Coronel Estevam (Cel. Estevam José Barbosa de Moura): Deputado entre 1841-1843.

Av. 11 – Av. Manoel Miranda (Manoel Tavares da Costa Miranda): Criador da festa da bandeira. (CARVALHO, 2004)

À medida em que outras entrevistas também forem realizadas o discurso de outros moradores do Alecrim será analisado a fim de perceber se os números elencados às ruas, num primeiro momento, são concebidos realmente como uma forma de identidade ou relação entre os moradores.

Algumas conclusões preliminares podem ser observadas. Sugestiona-se que os nomes próprios das ruas parecem não fazer tanto sentido para os moradores do Alecrim, que findaram por incorporar apenas a numeração como marco identitário, marco que se fundamenta como referencial para localização dos transeuntes e dos moradores do Alecrim. Nesse caso das ruas do Bairro, são exemplificadas algumas transformações simbólicas na mentalidade das pessoas do Alecrim. O fato de alguns moradores acreditarem ser a origem da numeração das ruas algo vindo dos norte-americanos faz crer que com o passar dos anos os moradores, iam assimilando, ao assumir alguns costumes, assimilando que alguns fatos poderiam ter sido construídos depois do estabelecimento das tropas estrangeiras na Cidade.

Para Joseph Gusfield (1975), o conceito de comunidade tem significado semelhante ao sentido do que pode ser considerado como identidade, já que

comunidade pode ser entendida como uma cidade, uma região, um país, um bairro, o prédio, ou a vizinhança. O sentimento de comunidade implica um sentimento de pertença com uma área particular, ou com uma estrutura social dentro dessa área. [...] tem um caráter relacional, que diz respeito à rede social e à qualidade das relações humanas dentro da localização de referência.

Quando o espaço é produzido, criado ou recriado, um sentimento identitário ou mesmo um sentimento de pertença podem ser atrelados naturalmente a esse espaço. Cabe a essa pesquisa perceber se o Alecrim pode ser entendido como uma comunidade, se as relações entre os moradores exprimem algum tipo de transformação simbólica e não só estrutural no Bairro. Tudo isso poderá ser analisado mediante os discurso dos moradores do Alecrim.

Um Bairro tem uma feição que só a ele pertence, uma vida particular, uma alma, um cotidiano próprio. O Alecrim enquadra-se a essa noção de bairro, pois de fato é um espaço que se recriou, que possuiu desde seu princípio, características próprias, únicas, peculiares ao Bairro: o comércio em ascendência, sobrepondo-se em pouco tempo às residências; o trato entre moradores, quase que de caráter interiorano, rural; maior afinidade entre a vizinhança; e tantas outras características marcantes do Bairro.

Como a noção de bairro baseia-se no sentimento coletivo dos habitantes, na percepção de elementos que dão ao bairro uma individualidade, pode ser possível que a percepção do morador passe por processos de indefinição durante a afirmação dos limites do bairro ao longo do tempo. As transformações físicas/estruturais no Alecrim podem ter gerado fragmentação do sentimento indentitário, o que somente poderá ser avaliado mediante os estudos preliminares desta pesquisa.

A memória é uma construção arranjada no tempo presente por meio de experiências ocorridas no passado. Segundo Certeau (1994), “a memória mediatiza transformações espaciais”, ou seja, é possível “fazer da memória o meio de transformar os lugares”. No Alecrim será possível perceber que a memória dos indivíduos - moradores antigos do Bairro, será utilizada como meio de observar as transformações. Quando se fala em preservar o passado pode-se dizer que está sendo possível reconstruir a história.

Notadamente, o Alecrim possui inúmeras realidades sociais, mas a identidade que conectaria o cidadão como um morador do Alecrim e que estará sempre em processo de formação poderá ser observada por alguns aspectos como o fato da numeração das ruas. O morador do Alecrim geralmente é notado como personagem que não trata as avenidas principais do Bairro pelas nomenclaturas oficiais, mas sim pela numeração dada a elas

em tempos remotos, tempos onde muitos nem ao menos existiam. Por esse fato, poderá ser transferida a esse caso a ideia de Polak (1992) de que identidade é

[...] a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros.

Esse conceito pode ser transferido para a análise sobre o Bairro Alecrim, visto que busca-se perceber nos moradores do Alecrim se no período em estudo foi construída além das mudanças estruturais alguma imagem identitária que representasse as particularidades do Bairro em relação ao resto da Cidade. Um aspecto bastante característico do Bairro é a numeração das ruas de 1 a 12.

Para Alberti (1989), a memória torna-se, de certa forma, algo “essencial a um grupo porque está atrelada à construção de sua identidade. Ela é o resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de experiência, isto é, de identidade”.

Ao longo dos anos o espaço no Alecrim foi se recriando, a dinâmica do bairro foi se modificando e os limites foram se reafirmando ou sendo redemarcados. As pessoas que se fixaram no Bairro vindas de longe e mesmo as que nasciam no Alecrim criaram laços, que poderiam tanto fragmentar a identidade do Bairro, o senso comum da população, como fortalecer o sentimento de pertença, o orgulho de morar no Alecrim. Mediante um estudo de caso mais profícuo do Alecrim ficará claro se esse é um Bairro homogêneo, e se havia sentimento de pertencimento dos moradores mediante as transformações do Bairro, se algo incomodou ou se foi bem avaliado.

Como a noção de bairro baseia-se no sentimento coletivo dos habitantes, na percepção de elementos que dão ao bairro uma individualidade, pode ser possível que a percepção do morador passe por processos de indefinição durante a afirmação dos limites do bairro ao longo do tempo. As transformações físicas e simbólicas no Alecrim podem ter gerado fragmentação do sentimento identitário, o que somente poderá ser avaliado com estudo mais pontual sobre as especificidades do Bairro.

Bibliografia

ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 1989. pág. 167.

BEZERRA, José Normando. **José Normando Bezerra**: Depoimento [dezembro, 2010] Entrevistadores: Gabriela Fernandes de Siqueira, Gustavo Gabriel de Lima Silva e Thaiany Soares Silva. Natal: SEMURB, 2010. Entrevista concedida ao Programa Memória Minha Comunidade.

BEZERRA, Josué Alencar. A geo-história do bairro do Alecrim. In.: **Reafirmação do bairro: um estudo geo-histórico do bairro do Alecrim na cidade de Natal-RN**. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em Geografia), Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFRN, Natal, 2005.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CARVALHO, Evaldo Rodrigues. **Alecrim ontem, hoje e sempre**. Natal: Ed. Nordeste Gráfica, 2004.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História da Cidade do Natal**. 3. ed. Natal: Instituto Histórico e Geográfico, 1999.

CERTEAU, Michel de. Operação Historiográfica. In: **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

_____. **A Invenção do Cotidiano**. vol. I. Petrópolis: Vozes, 1994.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Touro. 10.ed. Rio de Janeiro:DP&A, 2005.

INAUGURADOS os melhoramentos do bairro do Alecrim. **A República**, Natal, 24 jun. 1939, p.3.

KARNAL, Leandro; TATSCH, Flavia Galli. A memória Evanescente: Documento e História. In: **A Escrita da Memória**. São Paulo: Instituto Cultural Banco Santos, 2004.

LEFEBVRE, H. **Barrio y vida de barrio**. De lo rural a lo urbano. Barcelona: Ediciones Península, p. 195-200, 1971.

GUSFIELD, Joseph R. **Community**: a critical response. New York: Harper & Row, 1975. pág. 143.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5ª Ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003. Pág. 18.

MARINHO, André Luiz Santana. **A Praça de Novo, volta a ser do povo:** um estudo etnográfico do espaço e da prostituição na Praça Gentil Ferreira. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Dissertação, 2003.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral.** São paulo: Loyola, 1998. Pág 13.

NATAL(RN). Prefeitura Municipal do Natal. Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo. **Memória Minha Comunidade:** Cidade Satélite/ Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Urbanismo. – Natal: SEMURB, 2010.

OLIVEIRA, Giovana Paiva de. **A cidade e a guerra:** A visão das elites sobre as transformações do espaço da cidade do natal na segunda guerra mundial. Recife: Tese de Doutorado, 2008.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, vol.5, nº 10, CPDOC, 1992.

TEIXEIRA, Marlene P. V.; MACHADO, Rosa Maria. **Conceito de Bairro** – Unidade popular ou técnica? Anuário do Instituto de Geociência – UFRJ – 1986. Disponível em: http://www.anuario.igeo.ufrj.br/anuario_1986/vol_10_66_71.pdf Acessado em: 22 de junho de 2011.

UBARANA, Ana Maria. **Ana Maria Ubarana:** Depoimento [janeiro, 2011]. Entrevistadores: Gustavo Gabriel de Lima Silva e Thaiany Soares Silva. Natal: SEMURB, 2011. Entrevista concedida ao Programa Memória Minha Comunidade.

VILA, Magno Fernando. **Magno Fernando Vila:** Depoimento [novembro, 2010] Entrevistadores: Gabriela Fernandes de Siqueira, Márcia Gabrielle Lima de Sena e Thaiany Soares Silva. Natal: SEMURB, 2010. Entrevista concedida ao Programa Memória Minha Comunidade.

ZARIAS, Alexandre. **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível.** Stella Bresciani e Márcia Naxara (org.). Campinas. Editora da UNICAMP, 2001. Disponível em: <http://www.comciencia.br> Acessado em: 21-12-2010.